

CARTA-HOMENAGEM AO PROFESSOR ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Adílson Rodrigues Camacho
Universidade Paulista

Convidado a falar de minha experiência como orientando do querido Eliseu. Ocorreram-me de pronto várias imagens, lembranças, cenas, diálogos, não apenas com o grande professor, mas com pessoas que marcaram minha vida, e pelas quais sou muito grato! Grato, também, tanto ao pessoal da Revista GeoAtos, pelo convite e pela iniciativa, quanto ao mestre pela companhia, por todo apoio e trabalho.

De algumas coisas em nossos contatos não esquecerei: a principal delas, a abertura para o diálogo e o respeito pelas ideias diferentes das suas...Nunca tinha visto isso, que viria a conhecer somente anos depois no doutoramento (com a querida Amália Inês), que ele acompanhou não tão de perto, infelizmente...

Não esquecerei do bom humor, da acolhida na UNESP e até mesmo em sua casa; pois nos acolhia a todos, ele, Carminha e, os então pequenos, Caio e Ítalo! Nós, os jovens alunos do também jovem e movimentado curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente!

Aliás, Unesp e Prudente, tornam-se personagens, âmbitos fundamentais dessa história, de 1992 a 1994... Alguns eram prudentinos, como a Zezé (querida amiga Maria José Martinelli), e as colegas Mara, Meire, Simone, Jane, e outros como eu, os queridos e saudosos William Rosa e Elizeu Lira (com quem dividi moradias), éramos de vários lugares... Orientandos do Eliseu ou da Carminha, todos conversávamos com todos os professores (incluindo aqueles da graduação) sobre nossos trabalhos; o que eu não sabia que era possível, até esse momento, num departamento universitário...

Quando entrei no programa, todos me perguntavam o que eu fazia lá, sendo de São Paulo! Era estranho! Eu respondia que queria mudar de ares, essas coisas, e era verdade! Descobri que trocava a sisudez da USP pela descontraída produtividade da Unesp de Presidente Prudente; com o diferencial de um orientador sempre presente e acessível!

Consegui me ligar mais a São Paulo quanto mais eu curti Prudente... Foi um período de muitos amigos e vivências novas; e de muitas cartas para todo lugar...

Confidencio que sinto muitas saudades da biblioteca, com janelas amplas e jardins... Muito agradável! Nunca passei tantas horas numa biblioteca por tanto tempo seguido... A bibliotecária era a Mazé, que nos deu curso de *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 164-167, mês Nov. Ano 2019.*

normas da ABNT e de organização de documentos! Tão prestativa quanto a Ana, da secretaria!

As lembranças vêm em cenas, como aquelas em que me vejo repetidas vezes passando, de propósito quase sempre, em frente à sala do mestre Eliseu, de um jeito que dava pra ser visto e, invariavelmente, ser cumprimentado e cobrado nos prazos de modo sutil, fosse do corredor mesmo, ou com direito a conversas e bate-papos no meio do expediente. Quase nunca marcava e adentrava a sala perturbando a concentração do professor... tinha vinte e poucos anos, cheio de questões na cabeça!!! Mas, sempre vinha um esperado “como vai o trabalho”? “O que anda fazendo nesta semana”? “Resolveu quando vai a campo”?

O campo... Este, um capítulo a parte: fazer trabalho de campo era minha maior dificuldade! Não sabia o que olhar, o que esperar, o que sentir, o que procurar, num campo sozinho... Não entendia nada de campo; achava que era só um pouco de teoria etnográfica e pronto... Acho que ao perceber minha tamanha insegurança, paúra mesmo, toca ele ir a campo, a Praça da Sé, comigo, marco zero de Sampa! Foi muito bom, posto que me fez sentir o que queria dizer com mergulhar no campo!

Ao me jogar no campo como condição para a pesquisa, ajudou-me a dissolver minhas fantasias e “bichos papões” do real diante de mim, negando-se a ser visto, tocado, cheirado, enxergado... Foi muito bom! Algo como degustação da praça... Não sei bem se essa tarde se passou desse modo, mas é assim que me lembro, pois é assim que vou contar: ele dizia que eu tinha que mergulhar no campo, que estava falando, escrevendo coisas que podiam estar se afastando (e me afastando) do “objeto de interesse”, dos objetivos e da questão toda, pra dizer a verdade! Me fazia perceber a imensa falta do banho de “realidade” de que meu discurso prescindia... Mostrava nas leituras sempre muito meticulosas que fazia das versões que eu enviava, que faltava esse negócio de realidade experienciada..., punha-me louco e desesperado com isso... Me fez ver que eu podia juntar as vozes de quantos autores quisesse que continuaria faltando muita coisa... Eu não entendia nada desse negócio de cotejar o que eu falava, pensava e dissertava com a Praça de verdade... Tanto ele enfatizou que “eu resolvi” ver do que se tratava esse tal de campo individual... Só tinha feito campo coletivo na graduação!!! Escondido atrás das pranchetas e perguntas, fugindo dos equipamentos e das experiências diretas...

Acho que foi assim, pelo menos é do modo como me lembro: sentei-me [e aqui é fundamental essa coisa de sentar, pois eu fiquei sentado mesmo observando por horas] uma tarde inteira num ponto privilegiado da Praça (estrategicamente, próximo aos caminhos invisíveis de passagens das centenas de pessoas por minuto e ao posto policial, é claro! Aliás, tive que falar pra eles o que eu estava fazendo, pois estavam muito curiosos)! E fez-se a transformação! Depois disso, desse parto do campo a fórceps, passei a fazer entrevistas, *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 13, v. 06, p. 164-167, mês Nov. Ano 2019.*

a passear por lá com a intenção de pesquisa, fazendo perguntas, nos vários dias da semana! Foi uma grande vitória, para quem não entendia e não queria entender! “Aluno cabeça dura”! Não sei se disse isso pra ele na época, mas guardo esse momento mágico com muito carinho! Ele foi ótimo na forma como conduziu o processo! Tomei-te por exemplo em orientação, caríssimo Eliseu, e busco sempre nessa memória por inspiração, tanto quanto possível! Saiba disso.

Depois desse banho de experiências passei a achar a parte mais gostosa, mais rica do trabalho, ir a campo! Ia pra campo com todos os sentidos e comecei a descobrir que o lugar só me ia entrando desse jeito, o mais inteiro possível, sem descartes... Acho que foi aí que passei a intuir o caminho da fenomenologia, que me resolveria os problemas epistemológicos do doutorado, e na vida em geral. Aliás, estive na minha banca de doutoramento e foi muito bom, sempre colaborando, no melhor sentido da palavra, de fazer junto!

Sei que, com o tempo, passou a fazer música, que sempre curtiu, mas não nos mostrava naquela época.

Não é à toa que a síntese da relação de orientação, que repito agora das páginas pré-textuais da dissertação, quando agradecia pela “orientação maiúscula”, ímpar, sem igual!

Terminei rápido a pesquisa, pois tinha bolsa, tinha que fazer nova cirurgia e vocês estavam com viagem para a França por um ano! Foi uma correria, fui seu primeiro orientando a defender o trabalho de pesquisa no mestrado (lembra disso?!), mas deu tudo certo.

Caro Eliseu, digo-lhe que fui muito feliz e que aprendi tanto quanto alguém pode aprender, e não apenas sobre ciência, nesse período tão importante pra mim, no mestrado da FCT-UNESP, o que sempre afirmei em todos os lugares!

Abraços, mestre!

Sobre o autor

Adilson Rodrigues Camacho

Doutor em Ciências pelo Programa de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP (2008), com mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCT-UNESP (1994) e graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (1990). Professor titular na Universidade Paulista e na Fundação Armando Alvares Penteado, em cursos de graduação e pós-graduação, com experiência em estudos socioambientais municipais e regionais. Atuo principalmente nas linhas de pesquisa ligadas à epistemologia da geografia e às metodologias de planejamento e qualificação dos usos do ambiente (por meio de diagnósticos, prognósticos e projetos) associada à adequação das políticas públicas às demandas locais.

Como citar essa homenagem

CAMACHO, A. R. Carta-homenagem ao Professor Eliseu Savério Sposito. **Revista Geografia em Atos** (Geosatos online), v. 13, n. 06, p. 164-167, 2019.